

**INTERAÇÃO CULTURAL NAS PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS NA
FRONTEIRA ENTRE PONTA PORÃ E PEDRO JUAN CABALLERO
(BRASIL/PARAGUAI)**

**CULTURAL INTERACTION IN SOCIAL-SPATIAL PRACTICES BETWEEN BORDER OF
PONTA PORÃ AND PEDRO JUAN CABALLERO (BRAZIL/PARAGUAY)**

**INTERACCIÓN CULTURAL ENTRE LAS PRÁCTICAS SOCIOESPACIALES EN
FRONTERA DE PONTA PORÃ Y PEDRO JUAN CABALLERO (BRASIL/PARAGUAY)**

Elias Cabanas Franco¹ <https://orcid.org/0009-0003-8544-8639>

Cláudia Heloiza Conte² <https://orcid.org/0000-0002-7537-0749>

RESUMO

Fronteira na sua definição primária é compreendida como uma demarcação territorial entre Estados. Todavia, pode também ser compreendida como um processo de desenvolvimento social e histórico, tendo em vista que faz parte da construção socioespacial. O objetivo deste estudo é analisar, por meio das práticas socioespaciais, a interação cultural na fronteira de Ponta Porã/MS e Pedro Juan Caballero/PY. Utilizou-se a pesquisa exploratória por meio da análise da literatura. Verificou-se que, por se tratar de uma fronteira seca, não existe obstáculo físico que separe as cidades de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, que a sua identidade cultural é o resultado da hibridização cultural, marcada pela fluidez das identidades locais. Soma-se a isso as relações no âmbito da educação, da mídia, das religiões, da culinária, música, dança, costumes, entre outros.

Palavras-Chave: Interação Cultural. Fronteira. Ponta Porã. Pedro Juan Caballero.

ABSTRACT

In a primary definition border is understood as a territorial demarcation between states. However, it can also be understood as a process of social and historical development, considering that it is part of socio-spatial construction. The objective of this study is analyze, through social-spatial practices, the cultural interaction on the border between Ponta Porã/MS and Pedro Juan Caballero/PY. Explotarory research was used through literature analysis. It was verified that, because it is a dry border, there is no physical obstacle that separates the cities of Pedro Juan Caballero and Ponta Porã, that their cultural identity is the result of cultural hybridization, marked by the fluidity of local identities. Added this are relationships in the fileds of education, the media, religions, cuisine, music, dance, customs, among others.

Keywords: Cultural Interaction. Border. Ponta Porã. Pedro Juan Caballero.

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. Email: eliascafran@gmail.com

² Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Professora Adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. E-mail: conte@uems.br

RESUMEN

Frontera en su definición primaria se entiende como una demarcación territorial entre Estados. Sin embargo, también puede entenderse como un proceso de desarrollo social e histórico, dado que forma parte de la construcción socioespacial humana. El objetivo del estudio es analizar, a través de prácticas socioespaciales, la interacción cultural en la frontera de Ponta Porã/MS y Pedro Juan Caballero/PY. Se utilizó una investigación exploratoria a través del análisis de la literatura. A partir de los resultados encontrados, se constató que, por tratarse de una frontera seca, no existe obstáculo físico que separe las ciudades de Pedro Juan Caballero y Ponta Porã que su identidad cultural es el resultado de la hibridación cultural, marcada por la fluidez de lo local identidades locales. A esto se suman las relaciones en educación, medios de comunicación, religiones, gastronomía, música, danza, costumbres, entre otras.

Palabras clave: Interacción Cultural. Frontera. Ponta Porã. Pedro Juan Caballero.

INTRODUÇÃO

As cidades fronteiriças de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, entre o século XIX e início do século XX, eram conhecidas por “Punta Porã”. No início levavam esse nome por ficarem as margens da Laguna Porã que era ponto de parada e acampamento de viajantes e tropeiros atraídos pela extração da erva mate. Após a guerra do Paraguai, com a nova demarcação territorial, “Punta Porã” virou “Ponta Porã” e o lado paraguaio Pedro Juan Caballero.

Atualmente tratam-se de espaços com dinâmicas sociais próprias, geralmente ligadas a redes de articulação regional ou internacional que, de maneira geral, ampliam sua capacidade institucional e relacionamento com outros atores. A fusão dessas cidades em uma única área urbana, localizada num “espaço limítrofe”, situada em zona fronteiriça comum, determina fortemente suas características e interações. O relacionamento entre as cidades gêmeas é um cenário real e comum na fronteira e, portanto, importante para a integração regional (PRADO, 2014).

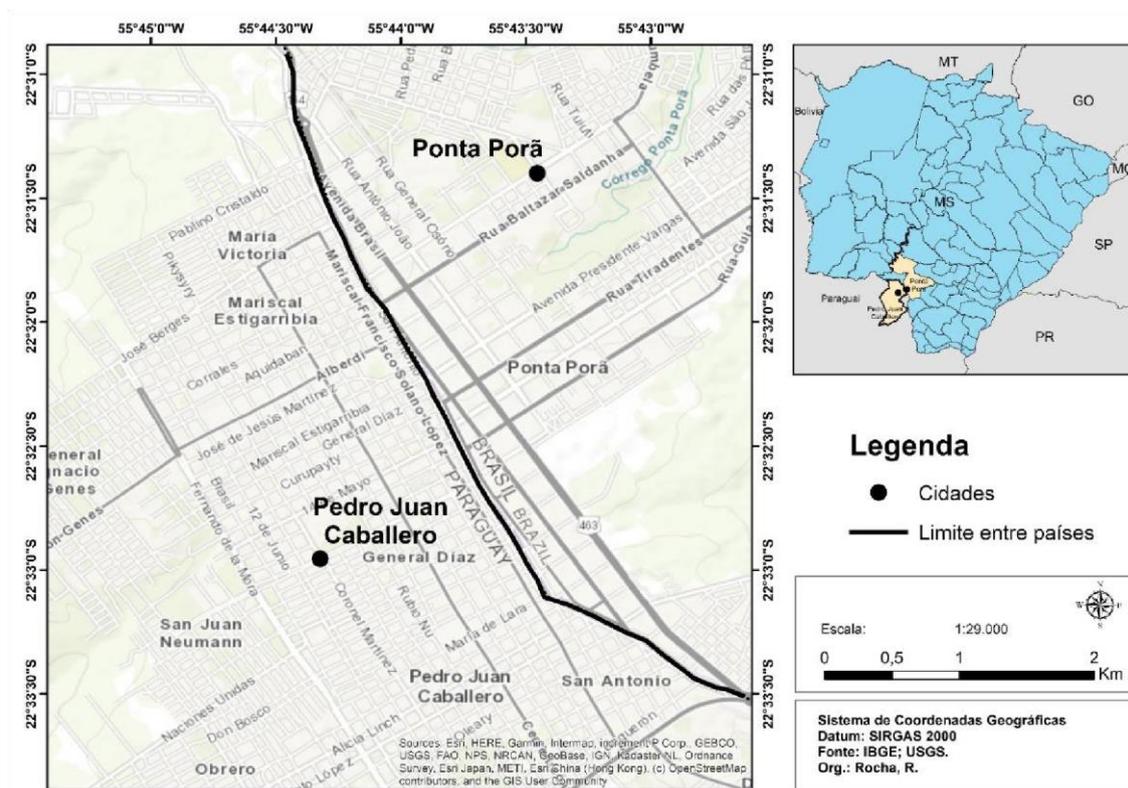
Muitos são os fatores presentes no espaço da fronteira, marcados pelas relações culturais existentes, principalmente no que se refere à cultura mantida em um espaço comum. Essa pluralidade identitária marca o espaço fronteiriço, de pertencimentos múltiplos a um ou outro grupo social. A tendência à manutenção de traços culturais conquista o espaço, inclusive em regiões fronteiriças (ODONE; PRADO, 2015).

Sendo assim, pensar as relações identitárias na fronteira Brasil-Paraguai, mais especificamente nas cidades fronteiriças de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero é se engajar

em um mosaico de territórios e territorialidades específicos. Segundo Zaim-De-Melo (2022) são costumes, práticas culturais típicas do espaço, realidades que não veem a fronteira como uma linha rígida e intransponível, mas que aparece como um espaço de mobilidade, onde os dois lados se misturam, se interpõem e convivem em uma realidade de mudanças culturais e simbólicas.

Pedro Juan Caballero e Ponta Porã compartilham uma fronteira seca, sem limites visíveis que as separam e, principalmente, seus cidadãos estão integrados de tal forma que compartilham os usos e serviços das duas cidades como se fosse um grande centro urbano, como mostra o mapa 1. Ou seja, um espaço comum integrado, tolerante com seu vizinho e igualmente, onde cada município tem sua identidade.

MAPA 1 - Localização de Ponta Porã/MS e Pedro Juan Caballero/PY



Fonte: IBGE (2022)

Esse estudo parte de uma perspectiva de fronteira, considerando que sua localização, seus significados e imaginários auferem contornos muito mais intrincados do que aqueles comumente observados por meio de linhas demarcatórias físicas. Assim norteia esse estudo o seguinte questionamento: Como acontece a interação cultural na fronteira de Ponta Porã e

Pedro Juan Caballero? O objetivo geral do estudo é analisar, através das práticas socioespaciais, a interação cultural na fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.

O estudo encontra-se dividido em três partes, sendo que a primeira apresenta definições de fronteira e do espaço socialmente construído, a segunda parte aborda aspectos gerais da gênese e da realidade atual da fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan Caba Caballero e a terceira parte verifica a interação cultural na fronteira. Utilizou-se a pesquisa exploratória por meio da análise da literatura, baseada em publicações nacionais e internacionais.

A FRONTEIRA COMO UM ESPAÇO SOCIALMENTE CONSTRUÍDO

A noção de fronteira sofreu mudanças ao longo da história, da mesma forma que tem significados diferentes de acordo com a ciência que a estuda. Bento (2012, p.44) ao abordar a fronteira a considera “como o fim do mundo para quem deixa seu Estado de importância ou o princípio do mundo para quem retrocede ao seu Estado de pertença”. Essa ideia clássica e singular de fronteira constitui uma compreensão geográfica baseada na delimitação territorial do espaço e seus limites. Oliveira (2005, p. 577) por sua vez, define fronteira como “uma linha que determina o início ou o fim de um país, estipulando o poder em um determinado território de um Estado”.

O entendimento das fronteiras com um viés cultural está necessariamente relacionado com as identidades ou subjetividades sociais. Elas delineiam os perímetros, mantêm as pessoas tanto dentro como fora de um determinado espaço. As pessoas têm receio de atravessar a fronteira, sem ter a noção que faz parte dela, que a ela está intrinsecamente ligado pelos aspectos culturais. Neste sentido, a fronteira se trata do encontro entre dois hemisférios que, apesar de espacialmente distantes, são efetivamente muito próximos (JÁCOMO, 2022).

A fronteira não deve ser compreendida como ambiente estático, completo, acabado e imutável, mas enquanto um espaço que se transforma com o tempo e com os acontecimentos. Sendo assim, na fronteira existe a possibilidade da multiplicidade de trajetórias históricas, da heterogeneidade e das inter-relações. Dessa forma é preciso que, ao conceituar o espaço, fique evidente que se trata de um espaço aberto, múltiplo, relacional e inacabado (SOUZA, 2018).

A interação existente entre moradores da fronteira Brasil e Paraguai fez emergir aspectos culturais, que se transformaram em identidade cultural local bastante característica,

principalmente motivado pelo seu aspecto híbrido. Em Ponta Porã a influência paraguaia é visível, sendo que essa cidade foi e ainda é a porta de entrada para a cultura paraguaia, responsável pela constituição identitária do estado de Mato Grosso do Sul (MS) (CAETANO et al, 2017).

A noção de fronteira que se sustenta, dá conta de uma variedade de dispositivos materiais e simbólicos, construídos socialmente, localizados espacial e temporalmente. As fronteiras surgem das interações sociais, das diferentes formas de encontro e desacordo entre pessoas ou grupos de pessoas. Geralmente é associada, diferenciada e mesclada a categorias como paredes, limites, periferias, margens, entre outras. Para Benedetti (2018), fronteira pode ser considerada uma categoria ampla, e um rótulo para um vasto campo de estudo social interdisciplinar.

Na geografia existem várias definições do conceito de fronteira, cada uma construída a partir da combinação das categorias espaciais, fenômenos e processos sociais que ocorrem nos espaços fronteiriços e os sujeitos sociais envolvidos em tal processo. Rodríguez (2012) acredita que, é possível agrupar em duas posições epistemológicas toda a diversidade de conceitos de fronteira na geografia. Essas posições são: a fronteira como “espaço absoluto” e a fronteira como “espaço socialmente construído”.

Já Corrêa (2014), procura reafirmar que existe uma estreita relação entre espaço, cultura, política e economia. Para o autor, as relações entre cultura e política podem ser verificadas em monumentos construídos em distintos momentos e lugares, como as estátuas e os vultuosos templos, que não foram construídos visando tão somente a estética, mas carregam importantes significados políticos a ser comunicados, que tanto podem ser de glorificação ao passado, prognóstico de um futuro próspero, bem como valores étnicos, religiosos e de classe.

A relação entre cultura e economia passaram a ser reconhecidas de maneira explícita a partir da década de 1970. Corrêa (2014) explica que, isso aconteceu porque a produção econômica passou a exibir traços culturais, produzindo maciçamente bens e serviços simbólicos, capazes de atribuir aos seus usuários status, poder e identidade. O fato é que o estudo sobre fronteira não se assenta somente no viés político, mas é objeto de estudo dentro de uma perspectiva muito mais ampla. Sobre esse aspecto, Ferrari (2014, p.2/3) afirma que:

Embora em anos recentes a noção de fronteira tenha sido associada, p. ao limite político-territorial, os termos –fronteira e limite –não guardam o mesmo sentido, pois, como qualquer outro conceito, o de fronteira também sofreu modificações e incorporou novos elementos ao longo do tempo, pelo próprio avançar das sociedades, pelo desenvolvimento de

novas técnicas de produção e pelas próprias mudanças políticas, econômicas e culturais.

A fronteira é permeável de muitas maneiras: a fronteira da civilização, fronteira espacial, fronteira da cultura e pontos de vista sobre o mundo, fronteira étnica, fronteira da história e da historicidade dos grupos que lá vivem. A definição de fronteira como um espaço socialmente construído é de aparência relativamente recente, é o produto da virada teórica e metodológica que ocorreu na geografia nos anos 1970, uma posição teórica liderada pelos movimentos acadêmicos conhecidos como geografia radical e humanista onde afirmam que os fenômenos jurídico-políticos e estratégico-militar não são os únicos que afetam e caracterizam a fronteira, porque há outros fenômenos do tipo econômico e, sobretudo cultural, que também são relevantes (RODRÍGUEZ, 2012).

Essa mudança teórica foi uma resposta, por um lado as posições hegemônicas da geografia quantitativa, por outro, a profunda e rápida mudança nos espaços humanos e na sociedade mundial. Consistiu no reconhecimento de que a complexidade do mundo exige para sua análise a fronteira como produto do sistema social.

Para esta vertente, a fronteira é um espaço histórico, produzido socialmente pelo conjunto de elementos sociais, econômicos, políticos e culturais, entre indivíduos, grupos e instituições. É um espaço que pode ser explicado pelas relações sociais de produção que a organiza pelas ações de dominação e poder que ali acontecem, e pelas representações dos sujeitos que ali vivem, bem como pelos grupos que têm o poder político e econômico para transformá-lo.

As fronteiras configuram e dão coesão a diferentes áreas geográficas, são peças fundamentais na construção de regiões ou territórios. Por outro lado, permitem a separação ou disjunção entre duas entidades maiores, sejam territórios ou regiões, e então, finalmente, a partir daí, são geradas diferentes formas de relação ou junção entre essas áreas geográficas e, portanto, sociais diferenciadas (BENEDETTI, 2020). Zaim-de-Melo et al. (2022, p.3), ao conceituarem fronteira, a diferenciam de limites internacionais, enfatizando que:

Em nossos estudos, consideramos que a fronteira se diferencia dos limites internacionais, principalmente no sentido de que a primeira é palco de vivências, experiências, conflitos e trocas, enquanto o segundo é a linha que divide, fruto de acordos internacionais. Dessa forma, também adotamos a compreensão de que fronteira e limites não são sinônimos nem no sentido político. A junção entre as categorias fronteira e imigração implica, metodologicamente, na realização de análises sobre os conceitos que as abrangem no sentido de destacar como a presença daqueles sujeitos acarreta transformações sociais, jurídicas, econômicas, entre outras.

Machado (1998), discorre sobre a diferenciação entre limite e fronteira, ainda que muitos prefiram tratar tais terminologias como sinônimas. Para a autora, a palavra limite trata-se de uma conotação política que foi reafirmada com a moderna definição de Estado, em que a soberania diz respeito a territorialização em si. Está relacionado a posse real da utilização da força física, da competência particular de criar normas sociais reprodutivas como moeda e impostos, de instituir formatos de comunicação específicas, como por exemplo, a língua nacional e o sistema educativo. São, portanto, ferramentas características da soberania do Estado, que corresponde à jurisdição em que o governo central é quem exerce o controle. O limite não está relacionado à presença de pessoas, mas sim a território.

Quanto a fronteira, Machado (1998) explica que surgiu como um acontecimento da vida social, que serviu desde a sua concepção para indicar a margem do mundo vivido. Conforme o progresso acontecia e as civilizações se desenvolviam, as fronteiras se transformaram paulatinamente em locais de comunicação, adquirindo assim um caráter político, sem no entanto, ter a conotação de um espaço que apontasse o limite delimitado ou fim de uma unidade política.

Sendo assim, para Machado (1998), enquanto limite é compreendido como fator de separação, pois serve para delimitar as unidades políticas soberanas e conservar-se como um limite fixo, indiferente a presença de determinados aspectos físico-geográficos ou culturais comuns, fronteira pode ser vista como um fator de integração, constituir-se em uma área de interpenetração recíproca e de permanente influência de composições sociais, políticas e culturais distintas.

No entendimento de Peiter (2007), a zona de fronteira é uma região com características próprias, com reflexos no comportamento de suas populações. O limite político contido nela divide diferentes grupos socioespaciais. Essa separação é produto e/ou causa de assimetrias que se materializam em diferenças de desenvolvimento econômico, legislação, cultura, oferta de serviços entre outros. As populações das zonas fronteiriças vivem estas assimetrias de forma particular, estabelecendo estratégias para ultrapassar os obstáculos colocados pela fronteira internacional e usufruir das oportunidades oferecidas pela proximidade com o “estrangeiro”. A partir desta breve abordagem teórica, a seguir será apresentada a fronteira, objeto de estudo deste trabalho.

FRONTEIRA DE PONTA PORÃ E PEDRO JUAN CABALLERO

A cidade de Pedro Juan Caballero encontra-se situada na porção oriental do Paraguai, é a capital do Departamento de Amambay. Ao Norte e ao leste encontra-se com o Brasil, separados pelo Rio Apa e a Cordillera del Amambay, ao Sul com o Departamento de Canindeyú e ao oeste com Concepción San Pedro (SOUZA; MONDARDO, 2017).

A história da fronteira entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã está estreitamente relacionada com a erva mate cultivada na região, inicialmente pelos povos indígenas. Segundo Goiris (1999) em 1645, os jesuítas conseguiram autorização para comercializar a erva. Todavia, no ano de 1767 houve a expulsão dos jesuítas do local, dando início a um novo ciclo da erva mate, com significativo impulso de empresas privadas do Brasil. Sendo assim, a região de Amambay foi dominada pelo latifúndio, o que contribuiu para a venda de terras no final da Guerra do Paraguai. Estas terras se encontravam nas mãos de poucas pessoas e empresas, até mesmo a empresa “Industrial Paraguaia” na época detinha uma área equivalente a 2.500.000 hectares de terra para a exploração da erva-mate (SOUZA, 2018).

Segundo Souza e Mondardo (2017) tanto a empresa “Industrial Paraguaia” quanto a “Cia Mate Laranjeira”, conseguiram um vultuoso desenvolvimento econômico, graças, em grande parte, à abundância de mão de obra dos trabalhadores nos ervais. Foram esses trabalhadores que contribuíram para a formação social da região de Amambaí e do Estado de Mato Grosso, tendo em vista que até então ainda não existia a divisão do estado.

Já a cidade brasileira de Ponta Porã, surgiu a partir de uma pequena aglomeração de pessoas que inicialmente era chamada de “Punta Porá” (atual Pedro Juan Caballero), antes do da Guerra do Paraguai. A literatura trás que depois da guerra iniciou-se um controle brasileiro dessa região que fazia fronteira com o Paraguai, impulsionado também pela criação de um domínio militar responsável por cuidar do território nacional brasileiro e de seus limites (NASCIMENTO, 2014).

Sendo assim, o território da fronteira de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã é produto tanto de um ponto de vista mais clássico do território em sua dimensão jurídico-administrativa, ou seja, espaços sob o controle do Estado como também produto de ações simultâneas de dominação tanto econômica, como social e também de apropriação cultural-simbólica, ressaltando que estas últimas podem não acontecer dentro dos contornos estabelecidos pelo Estado (HAESBAERT, 2005).

Souza (2018) explica que a criação de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, tem início a partir da necessidade de convivência e partilhamento do espaço existente entre esses dois países, demarcados pelo limite da fronteira que, no entanto, não limitou as relações entre brasileiros e paraguaios, que passaram a habitar a região para a exploração da erva mate.

A colonização da fronteira do lado brasileiro, com a criação de Ponta Porã aconteceu motivada tanto pelo aspecto econômico como também militar, já que havia na época a necessidade de proteger a fronteira, instituindo, portanto, espaços urbanos nessa região, logo depois do fim da Guerra do Paraguai, que perdurou de 1864 a 1870.

As populações fronteiriças dessas duas cidades, dadas as suas características próprias, cooperam e/ou competem, reafirmando fronteiras políticas ou também o contrário, construindo novas fronteiras culturais. Do ponto de vista de Sosa (2005), não raras as vezes a fronteira Paraguai-Brasil emerge como um assunto problemático, com questões que colaboram para instituição de uma imagem negativa para a região. Fato que não condiz com a realidade, pois do ponto de vista do autor, a fronteira Paraguai-Brasil é muito mais que um problema, é um importante instrumento que contribui para o desenvolvimento econômico e social das cidades fronteiriças de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã e conseqüentemente do Brasil e do Paraguai.

Torrecilha (2014), por sua vez, diz que a zona de fronteira Paraguai e Brasil se constitui como um espaço de múltiplas oportunidades de investimentos, porém problemas consideráveis são verificados, principalmente o tráfico de drogas e armas, que por consequência aumentam o índice de violência, com assassinatos frequentes.

Todavia, Torrecilha (2014) complementa que a fronteira entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã não constitui somente espaço da violência, ainda que ela exista, mas principalmente proporciona várias oportunidades, intensos fluxos de deslocamento de empresas, de produtos agrícolas e de consumidores, sendo, portanto, uma dinâmica fronteira, constituída de comércio e serviços. Além disso, importante ressaltar que as cidades supracitadas constituem atualmente uma zona franca. Isso porque em 2012 foi aprovada a Lei nº 12.723/2012 (Lei dos Free-Shops), que permitiu a instalação de lojas francas em municípios localizados em faixa de fronteira cujas sedes sejam consideradas como cidades gêmeas, como é o caso de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero (ODONE; PRADO, 2015).

Sendo assim, a linha que divide as cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero reúne e desenvolve distintas práticas socioculturais, que envolvem atividades diversas. No que diz respeito a interação cultural, a próxima seção irá destacar tal dinâmica.

INTERAÇÃO CULTURAL NA FRONTEIRA DE PONTA PORÃ E PEDRO JUAN CABALLERO

As questões de identidade fronteiriça passam por uma adaptabilidade cultural que permeia a língua, a religião, a etnia, uma ampla gradação de costumes, hábitos, práticas e representações. A formação da identidade em um espaço fronteiriço requer a existência, ou não, de reconhecimento. Isso vai ao encontro do que já foi pontuado por Woodward (1999), quando essa autora afirma que a identidade é sustentada no reconhecimento da diferença e no reconhecimento do outro.

Manuel Castells (2018) aponta que, as práticas culturais identitárias são um processo de construção de sentido a partir do campo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, que prevalecem sobre outras formas de significado. Ou seja, as manifestações são desenvolvidas ao longo do tempo e já são marcadas por sua forma completa. Hall (2006, p. 39) complementa que:

Desde que o sujeito prove que possui distinções de identidade acabadas, prontas e únicas, destacam-se, sobretudo, com elementos de matrizes imaginárias em sua constituição que surgem da ausência de gravidade, que se completa sob o nosso exterior, pelas formas através dos quais imaginamos ser vistos pelos outros.

As proposições de Tedeschi e Baller (2018) ajudam a compreensão que se busca para as discussões sobre as identidades. Para os autores, cada indivíduo pode possuir identidades diferentes e as evoca, questiona e as utiliza de diferentes maneiras, nos mais variados momentos.

Ao conviverem em zonas fronteiriças, de certa forma, os indivíduos se envolvem e se expõem a pensamentos e comportamentos variados, redesenhando a identidade, que é constantemente construída e reconstruída dentro de práticas culturais e sociais. As relações e práticas sociais são móveis, diversas e dinâmicas no curso da história, causando uma adaptação de comportamentos, estranhezas e pensamentos (WOODWARD 1999). Identidade cultural na fronteira Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, é o resultado desta partilha entre os diferentes indivíduos. Percebe-se, portanto, que a identidade não existe e não pode ser construída sem a diferença, sem o outro.

As comunidades paraguaias e brasileiras que convivem nos espaços fronteiriços são marcadas pela prevalência de referências simbólicas. A fronteira caracteriza a natureza dos grupos de ambos os lados, suas afiliações, o sentimento de pertencimento, de continuidade, de

internalização de processos, de separação da contiguidade física, relações de poder, elementos culturais compartilhados e criação de significados.

A diversidade cultural está presente em todo o território paraguaio e brasileiro: etnias, idiomas, moeda, educação, mídia, religiões, alimentos, música, dança, costumes comunitários, entre outros. No entanto, é possível verificar a presença de algumas referências de identidade semelhante entre as comunidades que compartilham esse espaço; a fronteira geopolítica através do acesso ou comercialização de produtos do "outro lado" provoca a necessidade de se afirmar diante de um estrangeiro, não tão estranho, mas ao mesmo tempo pertencente ou não ao outro lado (TEDESCHI; BALLER, 2018).

Segundo Essombra (2007) diversidade cultural refere-se à coexistência de várias culturas em um determinado espaço e explicita a heterogeneidade cultural das sociedades e os indivíduos. Ou seja, refere-se à situação existencial dos grupos humanos com as diferenças socioculturais em um determinado espaço e tempo social. No quadro grupal, os seres humanos se organizam, antes de tudo, assumem esquemas de comportamento com significados compartilhados (cultura), formando estruturas de relacionamento.

Bernal (2012) explica que sociedade e cultura são processos organizacionais simultâneos. Na vida dos grupos humanos, é muito difícil separar a sociedade da cultura. No entanto, é possível visualizar diferenças culturais, que coexistem em um espaço comum. Assim, a sociedade e cultura são as organizações primárias dos grupos humanos que dão identidade cultural e social ao indivíduo.

Esses espaços, que são construídos e redefinidos por pessoas transitando entre os dois lados do Brasil e do Paraguai, não devem ser como linhas delimitadoras, mas como diferentes formas de negociação da hibridização cultural, marcada pela fluidez das identidades, das expressões e das linguagens, colocando-se como instâncias abertas, ou melhor, como espaços contínuos de produção de significados e práticas culturais.

Assim, para os residentes em Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, a fronteira torna-se a limitação de um espaço que, por ter diferentes conteúdos e significados fixados pelos dois lados, contribui para a construção do diferente, pois na fronteira ocorre um cruzamento de distintas identidades que, em contato são (re)contextualizadas e (re)elaboradas, para distinguir cada vez mais ponto de referência. Com a existência de dois modelos diferentes de referência, a fronteira acaba se tornando permeável ou maleável, um espaço onde uma nova temporalidade dissolve localismos e questões de identidade. Assim surgem as identidades fronteiriças híbridas. Fundamentando o exposto, Souza et al. (2018, p. 28) ressaltam que:

As cidades de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã possuem suas características próprias de acordo com suas relações sociais, construídas de cada lado. Assim essas sociedades construíram suas identidades territoriais ancoradas inicialmente na identidade nacional. Mas a partir das relações homem versus meio e sua interação transnacional, criou-se na fronteira uma multiplicidade de identidades com seus símbolos, bandeira, pertencimentos, culturas, etnias, etc.

Essas identidades fronteiriças, híbridas e dialógicas podem ser percebidas nas danças e músicas paraguaias que se reproduzem como ritmos e estilos no Brasil, e que enriquecem a cultura de ambos os países, com reflexos marcantes nessas cidades fronteiriças.

Neste sentido, hibridismo cultural para Canclini (2013) trata-se essencialmente de um tipo de tolerância às diferenças culturais. O autor procura analisar o hibridismo por meio de aspectos fundados no multiculturalismo como um ambiente que proporciona o diálogo entre as culturas, um componente novo resultante do encontro entre as distintas culturas. Igualmente, a diversidade cultural exhibe múltiplos aspectos que representam necessariamente diferenças entre as culturas como a língua, as tradições, a culinária, a religião, os costumes, o modelo de organização familiar, a política, dentre outras. Essa multiplicidade de culturas constituem a denominada identidade cultural das pessoas ou de uma determinada sociedade. Por conseguinte, o hibridismo emana como uma ação multicultural, de diálogo entre as distintas culturas.

Pode-se dizer, portanto, que hibridismo cultural é uma combinação de duas ou mais culturas, determinando uma nova cultura com elementos de ambas. Sendo assim, costumes, tradições, atitudes, se transformam e dão origem a novos modos de viver. Essas novas formas de vida têm uma permeabilidade, podem ser construídas historicamente, assim como as mudanças sociais e culturais neste espaço. Além disso, reconhecer identidades fronteiriças significa reconhecer suas diferenças perante o outro e suas práticas cotidianas.

A fronteira entre as cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero apresenta um hibridismo de línguas, como o português, espanhol e guarani. O hibridismo se apresenta também em relação às moedas, com destaque para o real, guarani e dólar. Inclusive a fronteira em estudo tem características que merecem destaque e que criam para seus moradores uma vida mediada por relações conflitantes de integração e afastamento, mas também de junção de culturas, pois têm distintas nuances socioculturais resultantes das incontáveis interações/conflitos dos indivíduos que coexistem nessa fronteira (Brasil-Paraguai). Diversidade que influencia a dinâmica identitária local, intervindo em distintos contextos socioculturais (NASCIMENTO, 2014).

Complementando o exposto, Oliveira e Nascimento (2018) esclarecem que, ao mesmo tempo em que há grandes lacunas entre o comportamento dos pontaporanenses e dos pedrojuaninos, é importante lembrar que a presença de ambos, submetidos à exploração da erva-mate até meados do século passado forçou a construção de pontes, aproximações e entrelaçamentos, facilitando, atualmente, alguns propósitos da união pragmática –uma grande vantagem em relação a muitas outras fronteiras.

Sobre as identidades híbridas na fronteira do Brasil com o Paraguai, Souza (2020) enfatiza que existiram acontecimentos em que uniram determinados aspectos culturais do Brasil com os do Paraguai e vice-versa, caracterizando assim, identidades transfronteiriças e que a identificação com a fronteira encontra-se introduzida em muitos aspectos da vida social dos habitantes que ali residem como, por exemplo, em comércios que possuem o nome “fronteira” do lado brasileiro e paraguaio: bares, salões de beleza, vidraçaria, mercados, lanchonetes, lojas de autopeças, padarias, sites, inclusive igrejas.

Sendo assim, a análise das práticas culturais de fronteira leva a dialogar com diferentes autores que compõem o território, o social, o político e étnico. Segundo Albuquerque (2009), a diplomacia das fronteiras, como espaços de limites controlados pelo Estado, não é obedecida quando se destaca as práticas de cultura entre Brasil e Paraguai. O cotidiano das pessoas que vivem na zona fronteira entre os dois países demonstra a dinâmica dos aspectos culturais.

Nesse sentido, verifica-se que nos espaços fronteiros entre Brasil e Paraguai há situações em que há elementos ligados à identidade nacional (brasileira ou paraguaia) e outros momentos em que as marcas identitárias definem características de habitar um espaço de fronteiras nacionais, ligadas e constitutiva da cultura fronteira, traçada pela língua, pelos costumes cotidianos, pelo uso de moedas e assim por diante. O quadro 1 apresenta as interações culturais mais comuns nesta fronteira.

Quadro 1: Práticas culturais comuns - Pedro Juan Cabalero e Ponta Porã

Práticas culturais comuns	
Comidas típicas	Chipa, sopa paraguaia, churrasco, puchero, clericó
Idiomas falado	Espanhol, Guaraní e Português
Moeda	Dólar, Real e Guaraní
Frases: espanhol/ português	“Partiu rolê” “No hay asadito solo Espetinho” “Podes andar de Carona” “Nunca falta el Pastel”
Religiosidade/Dias Santos	Virgem de Caacupé, Páscoa e Sexta Feira Santa
Ritmos musicais	Polca Paraguaya, Reagueton, Sertanejo, Pop/Rock, chamamé.
Tradições	Guerra D’Água, estabelecida pela lei municipal 3188/2000. Ocorre nos dois lados, mas na terça-feira e no domingo de carnaval paraguaio e brasileiros se encontram na Avenida Brasil para a famosa batalha.
	O hábito de tomar tereré

Fonte: Elaborado pelos autores.

Sendo assim, pode-se considerar identidade como um mosaico cujas partes são combinadas e ativadas por gestos, falas, ações, comportamentos e atitudes, de acordo com a necessidade, o contexto e a situação específica em que o indivíduo encontra. Nesse contexto é possível destacar os hábitos que não obedecem apenas às reuniões nos clubes, mas que são compartilhados entre as cidades dos dois países, como o tereré e a sopa paraguaia que mostram claramente que o costume de um povo é compartilhado com outro.

Segundo Souza (2018), desde o início do desenvolvimento das duas cidades fronteiriças em questão, o que se verificou foram casos de dupla nacionalidade e de transnacionalismos, constituindo assim uma identidade transfronteiriça. Assim, verificou-se que embora exista o limite territorial instituído pelos Estados-nacionais, as experiências culturais na fronteira acontecem por meio da integração das duas nacionalidades em distintos ambientes como escolas, feiras livres, festividades locais, eventos culturais, rádios, televisão, comércio, dentre outros tantos espaços, dando proeminência a novas manifestações artísticas e culturais.

Ao mesmo tempo em que se sublinham algumas manifestações comuns entre brasileiros e paraguaios, observa-se que muitas coisas não são facilmente construídas. As diferenças e as dificuldades na aproximação dos dois povos existem e são fenômenos complexos. Como por exemplo, há um mito profuso entre os dois povos nas rodas de tereré,

nas anedotas, nos ditados populares, nas lendas, nas superstições, no mate, entre outros costumes em um conjunto social de dizer e fazer. Esta mistura de valores diferenciados entre ambos proporciona um repertório cultural de fácil assimilação, pois as raízes latinas têm bases colocadas nesses costumes. Além disso, a abordagem territorial dos dois países transforma a maior parte de seus espaços em espaços fronteiriços.

Outro exemplo citado por Tedeschi e Baller (2018) é o fato de o estado de Mato Grosso do Sul ter forte influência dos ritmos musicais e danças herdadas dos paraguaios. É fácil perceber isso com o ritmo da polca paraguaia, que se distingue da polca europeia, sendo um requisito comum nas danças sul-mato-grossense. Afirmando o exposto, Souza (2018, p. 87) ressalta que:

Outra forma comum do ponta-poranense ser influenciado por elementos paraguaios é através da música com conteúdo local e a difusão das rádios de músicas em espanhol. O Reagueton, por exemplo, não é de origem paraguaia, mas os jovens principalmente o relacionam como sendo paraguaio e são influenciados por estes. Assim, alguns sujeitos fortalecem suas práticas culturais e outros se tornam sujeitos transnacionais, pois convivem de um lado e do outro. É a partir desse movimento e contato que a integração cumpre o papel de fortalecimento das identidades tanto no sentido da diferenciação quanto na formação da identidade transfronteiriça.

Em outras palavras, há um tipo de prática que resulta principalmente da diversidade cultural vivida com intensidade pelos dois povos, independentemente do país em que se encontram, porque a cultura é formada por suas próprias características que são modificadas e são dinâmicas.

O significado das expressões simbólicas praticadas regularmente em um país ou outro – atribuído neste cenário a uma prática artística, como as influências paraguaias na dança, também pode ser verificado nos hábitos da alimentação em comum, nas bebidas, nas roupas, festivais, religiões etc.

Figura 1: Ilustrações que mostram o nome dado aos alimentos em Pedro Juan Caballero.



Fonte: SOUZA, Jonas Ariel Cantaluppi de (2018, p. 86).

Como exemplo, Jonas Ariel Cantaluppi de Souza (2018) apresenta posts sobre as diferentes formas de nominar os alimentos na cidade de Pedro Juan Caballero, no Paraguai. No Paraguai e demais países da América Latina, o conhecido pastel no Brasil é denominado de empanada, da mesma forma, a conhecida coxinha no Brasil, no Paraguai é denominada croquete. Todavia, como é possível ver no post da figura 1, em Pedro Juan Caballero determinadas lanchonetes preferem manter os dois nomes, ou seja, tanto a forma como é conhecida no Brasil como no Paraguai, deixando evidente a influência do Brasil na constituição do ser pedrojuanino.

A figura 2, também apresentada por Jonas Ariel Cantaluppi de Souza (2018), evidencia três ilustrações com a presença da questão territorial no imaginário coletivo, na cultura, tradições, língua e no modo de ser pedrojuanino. A pergunta que é feita no post é de como ficaria o pedrojuanino se não ganhasse ovos de Páscoa? Pireca ou de boa? A expressão pireca em espanhol significa emburrado em português. Constata-se nesse post que há informações dos dois idiomas; “pireca” e “de boa”.

Assim como faz alusão a tradicional Páscoa, festa religiosa que também faz parte da cultura pedrojuanina e a tradição de receber/dar ovos de Páscoa. Na última parte da ilustração questiona-se sobre como os pedrojuaninos sentiriam se não recebessem ovos de Páscoa utilizando-se três palavras de procedência brasileira, “de boa”, “apaixona” ou “saudades”, evidenciando mais uma vez a introdução da cultura e idioma brasileiro na cultura pedrojuanina.

Figura 2: Ilustrações com elementos brasileiros no cotidiano pedrojuanino.



Fonte: SOUZA, Jonas Ariel Cantaluppi de (2018, p. 86).

Constata-se, portanto, a partir das ilustrações apresentadas, que informações materiais e simbólicas da cultura da cidade de Ponta Porã e de Pedro Juan Caballero fazem parte do dia a dia tanto dos pedrojuaninos quanto dos pontaporanenses que habitam a fronteira. Esse contato diário e essa troca constante da cultura um do outro faz com que a integração sociocultural aconteça. É prática comum no lado brasileiro da fronteira ouvir os

pontaporanenses incorporarem cumprimentos em guaraní, que são feitos na maioria das vezes em tom de brincadeira, todavia, a integração acontece cotidianamente por meio da língua.

Outra interação cultural na fronteira entre Paraguai e Brasil apontada por Souza (2018), é em relação a comunicação por meio da mídia. Para o autor, na fronteira o papel das rádios, internet e jornais é relevante na divisão dos elementos culturais de ambos os lados e lembra que hoje são um total de 15 emissoras de rádio operacionais na fronteira entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, sendo que oito deles pertencem a Pedro Juan Caballero, cinco são de Ponta Porã e duas de Assunção.

Sendo assim, as rádios se tornam ferramentas relevante para difusão da cultura brasileira entre os predrojuaninos e vice-versa, seja por meio das músicas, das gírias e produtos que também são anunciados pelas rádios e também por canais de televisão. Quanto as redes de televisão o destaque é para as novelas, haja vista que é comum as emissoras de televisão do Paraguai reproduzirem determinadas novelas importadas do Brasil, inserindo na cultura paraguaia os modos de vida dos personagens. Assim existe uma ampliação e/ou introdução da cultura brasileira do lado paraguaio.

É necessário enfatizar a questão da educação, já que ela constitui importante ferramenta de interação cultural entre as duas cidades fronteira em questão. Em Ponta Porã muitos são os estudantes denominados de paraguaios, por morarem no Paraguai, e exibirem a cultura paraguaia em seu dia a dia de modo mais explícito. Porém, há que se esclarecer que existem também os estudantes que adotam e vivenciam uma realidade mais “brasileira” ainda que morem no Paraguai, assim como tem estudantes “paraguaios” que possuem Registro Geral (RG) brasileiro e utilizam o ensino brasileiro e mantêm suas relações sociais do lado paraguaio. Portanto, do ponto de vista de Caetano, Missio e Deffacci (2017, p. 17) ser fronteiro é:

Compartilhar de uma cultura diferente, isto é, morar em um lugar rico em elementos que dão um caráter todo singular ao lugar. Nesse caso, é natural que um brasileiro se aproprie de elementos da cultura paraguaia, como um paraguaio se apropria de elementos da cultura brasileira. Há, nesse ponto, algumas conexões (trans) formadoras de sujeitos híbridos.

Os hábitos alimentares constituem, sem dúvida, uma ampla e importante gradação de aspectos culturais simbólicos entre as pessoas dos dois países. Eles ajudam a entender o compartilhamento de costumes que se compõem como um aspecto cultural comum de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Ambos tomam o tereré; comem chipa, rosbife, sopa paraguaia; perpetuam diferentes e diversas crenças religiosas, entre outras práticas culturais, materiais e

imateriais; constroem discursos retrabalhando sentimentos de pertencimento nesse espaço palmilhado que é a fronteira.

Essas práticas contribuem para a construção das identidades dos sujeitos e suas relações sociais, bem como suas crenças e seus conhecimentos. Viver neste espaço fronteiriço é traduzir, envolvido num movimento de leitura e interpretação dos assuntos, provocando um continuum movimento de retorno ao outro. A alteridade surge nesse contexto como marcador de diferença. É um espaço de trânsito onde ocorrem reconfigurações como movimentos de idas e vindas de sujeitos fronteiriços, em que as impressões e percepções de cada deslocamento não se extinguem, mas são sobrepostos e experimentados novamente no novo espaço/tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se ao alcançar os objetivos do estudo, com a análise das interações que se dão na fronteira das cidades de Pedro Juan Caballero no Paraguai e Ponta Porã no Brasil, que se trata de um lugar de encontro ou espaço de contato com cultura própria, claramente híbrida, portanto, palco de encontros culturais. O hibridismo está presente nas distintas línguas faladas como o português, espanhol e guarani; nas diferentes moedas utilizadas, como real, guarani e dólar e na pluralidade cultural que está presente nas danças, músicas, pratos típicos e nos costumes, como por exemplo, o tereré.

Constatou-se que, a vida na fronteira entre Brasil e Paraguai, tanto define conteúdos com significados específicos, como também constrói a ideia de pertencimento como um quadro de referência, definido pela diferença e pela alteridade na relação com o outro, exacerbando questões de identidade.

Ao assumir os espaços fronteiriços como lócus de estudo foi possível reconhecer que essa condição privilegiada permite construir identidades dinâmicas, inconsistências, conflitos; ou seja, com suas estranhezas. Sendo assim, pensar em fronteiras é estabelecer olhares diferentes, é estabelecer outra forma de cada um se ler mais, se conhecer mais, por ser uma condição de fronteira, as situações estão continuamente se construindo e reconstruindo.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, José Lindomar C. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. **Horizontes Antropológicos**, ano 15, n. 31, p. 137166, Porto Alegre, jan./jun. 2009.
- BENEDETTI, A. Claves para pensar las fronteras desde una perspectiva geográfica. **GEOUSP: Espaço e Tempo**, v.22, n.2, p. 309-328, 2018.
- BENEDETTI, A., Cuatro conceptos de frontera de gran extensión terrestre, claves en la construcción del pensamiento geográfico de la Argentina, **Revista Tefros**, v.18, n. 2, p.12-46, 2020.
- BENTO, Fábio Rogério. Fronteiras, significado e valor: a partir do estudo da experiência das cidades-gêmeas de Rivera e Santana do Livramento. **Revista Conjuntura Austral**, n. 12, v. 3, 2012.
- BERNAL, Celsa Quiñónez de. Diversidad cultural e interculturalidad en el marco de la educación formal en Paraguay. **Revista Internacional de Investigación en Ciencias Sociales**, v. 8 n. 1, p. 7-23, julio 2012.
- CAETANO, João Evanio Borba; MISSIO, Fabrício J.; DEFFACC, Fabrício Antonio. Fronteira, Música e Identidade Cultural. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. v. 03, n. 519, ed. especial, dez., 2017.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade: a Era da informação**, v. 2: tradução Klaus Brandini Gerhard. 9ª ed. rev. ampl, São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Cultura, política, economia e espaço. **Espaço e cultura**, n. 35, p. 27-39, UERJ, RJ, Jan./Jun., 2014.
- DELGADO, Ovideo Mahecha. **Debates sobre el espacio en la geografía contemporánea**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia-Unibiblos, 2003.
- ESSOMBA, Miguel Àngel. **Construir la escuela intercultural: reflexiones y propuestas para trabajar la diversidad étnica y cultural**. 7ª. ed. Barcelona: GRAÓ, 2007.
- FERRARI, Maristela. As noções de fronteira em Geografia. **Unoeste**, v. 9, n. 10, p. 1-25, 2014.
- HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. Universidade de São Paulo. 20 a 26 de março de 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

- JÁCOMO, A. **Cultura de fronteira, um desafio à integração.** Disponível em: <https://www.cei.pt/pdfdocs/Cultura%20de%20fronteira.pdf> Acesso em: 28 abr. 2022.
- LADINO, Marcela Tapia. Las fronteras, la movilidad y lo transfronterizo: reflexiones para un debate. **Estudios Fronterizos**, v.18, n.37, p. 61-80, septiembre-diciembre de 2017.
- MACHADO, Lia Osório. Limites, Fronteiras, Redes. Em: T. M. Strohaecker et ali. (Orgs.). **Fronteiras e Espaço global.** Porto Alegre: AGB. pp. 41-49, 1998.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Escolas de Fronteira. Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología, Ministério da Educação. Brasília e Buenos Aires, março de 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Escolafronteiras/doc_final.pdf Acesso em: 21 agos. 2022.
- NASCIMENTO, Valdir Aragão do. Fronteiriço, brasileiro, paraguaio ou brasiguai? Denominações identitárias na fronteira Pedro Juan Caballero (PY) e Ponta Porã (BR). **Ilha**, v. 16, n. 1, p. 105-137, jan./jul., 2014.
- ODONE, Nahuel; PRADO, Henrique Sartori de Almeida. Free shops en zonas de frontera del mercosur: oportunidad o desafío para la integración a la luz de la reciente legislación brasileña. **Revista tempo do mundo – RTM**, v. 1, n. 2, jul. 2015.
- OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. Tipologia das relações fronteiriças: elementos para o debate teórico-prático”. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (org.). **Território sem limites: estudos sobre fronteira**, Campo Grande, Editora UFMS, 2005.
- OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de; NASCIMENTO, Rainne Feitoza do. La paradiplomacia y las relaciones de cooperación en las regiones de frontera entre Brasil, Bolivia y Paraguay. **Revista Frontera Norte**, v. 30, n. 60, 2018.
- PEITER, Paulo Cesar. Condiciones de vida, situación de la salud y disponibilidad de servicios de salud en la frontera de Brasil: un enfoque geográfico. **Cadernos de Saúde Pública**, v.23, n. 2, p. 237-250, Rio de Janeiro, 2007.
- RODRÍGUEZ, Juan Carlos Arriaga. El concepto frontera en la geografía humana. **Perspectiva Geográfica**, v. 17, p. 71-96, Enero-Diciembre de 2012.
- SOSA, Guillermo. **Propuestas para el fortalecimiento de la integración fronteriza BrasilParaguay.** Departamento de Promoción Económica Publicación n°. 11/05. Montevideo, setiembre de 2005.
- SOUZA, Jonas Ariel Cantaluppi de. “No soy de aqui, ni de allí, yo soy!” **Identidade territorial na fronteira entre Pedro Juan Caballero -Paraguai e Ponta Porã- Brasil.** [Dissertação]. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS, 2018.
- SOUZA, Jonas Ariel Cantaluppi de; MONDARDO, Marcos Leandro. O Processo de transformação da Linha de Fronteira de Ponta Porã – Brasil e Pedro Juan Caballero – Paraguai: da ocupação à modernização. **Revista Latinoamericana de Estudiantes de Geografía**, v. 5, n. 1, p. 2–15, 2017.

TEDESCHI, Losandro Antonio; BALLER, Leandro. Fronteras fragmentadas y múltiples identidades: una investigación de fronterizos transnacionales entre Brasil y Paraguay. **Estudios políticos**, n.44, pp.129-149, 2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

ZAIM-DE-MELO, Rogério et al. Yo soy brasileño, tu és paraguaio: identidade nacional e local de estudantes na fronteira Brasil-Paraguai. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4, 2022.

ZUSMAN, Perla B. Geografías disidentes. Caminos y controversias. **Documents d'Análisi Geogràfica**, v.40, p. 23-44, 2002. WOODWARD, Kathryn. "Identidade e Diferença: uma Introdução Teórica e Conceitual". In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org), **Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1999.

BUENO, Yhulds G. P." Historiografia da Formação da Região de Fronteira. 107 anos de Emancipação Política"; Ponta Porã Informa. Disponível em <https://www.pontaporainforma.com.br/ponta-pora-na-linha-do-tempo-lei-da-criacao-do-municipio-de-ponta-pora/>. Acesso em 21 de novembro de 2022.

Artigo recebido em: 10 de março de 2023.

Artigo aceito em: 12 de abril de 2023.

Artigo publicado em: 14 de abril de 2023.